

CAPITULO V

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DAS EXISTENCIAS

222. O dogma da reincarnação, dizem certas pessoas, não é novo; já Pythagoras o admittia. Nunca dissemos que a doutrina espirita fosse invenção moderna; sendo o Espiritismo uma lei da natureza, deve ter existido desde a origem dos tempos, e sempre nos temos esforçado por demonstrar que se lhe encontram vestígios na mais remota antiguidade. Pythagoras, como se sabe, não foi o autor do sistema da metempsycose; encontrou-o entre os philosophos indios e no Egypto, onde já existia desde tempos immemoriaes. A ideia da transmigração das almas era, pois, uma crença vulgar, admittida pelos homens mais eminentes. Como lhes veio ella? Sob revelação ou por intuição? Não o sabemos; mas, seja como fôr, uma ideia não atravessa as idades e não consegue ser adoptada por intelligencias eminentes, sinão quando tenha um fundo sério. A antiguidade dessa doutrina é antes uma prova que uma objecção. Comtudo, como é igualmente sabido, ha entre a metempsycose dos antigos e a doutrina moderna da reincarnação uma grande diferença, que os espíritos rejeitam em absoluto: a transmigração do homem para os animaes e reciprocamente.

Os espíritos, ensinando o dogma da pluralidade das existências corporaes, renovam, pois, uma doutrina que já existia nas primeiras idades do mundo, e que se

conservou até aos nossos dias no pensamento íntimo de muita gente, com diferença de nol-a apresentarem sob um ponto de vista mais racional, mais consonante ás leis progressivas da natureza e mais em harmonia com a sabedoria do Creador, despojando-a de todos os accessórios da superstição. Uma circunstancia digna de nota é que não é sómente no que se lê neste livro o que elles ensinaram nestes ultimos tempos: antes da publicação desta obra, numerosas communicações da mesma natureza se obtiveram em varios paizes, e repetiram-se depois consideravelmente. Seria talvez occasião de examinar aqui qual a razão por que nem todos os espíritos parecem estar de acordo sobre este ponto; voltaremos a este assumpto mais tarde.

Examinemos a materia sob outro prisma, abstrahindo-a de qualquer intervenção de espíritos. Ponhamos estes de parte por um instante: supponhamos que esta teoria não nos veio delles, e que nem mesmo se tenha falado de espíritos. Colloquemo-nos momentaneamente em terreno neutro, dando igual probabilidade a uma e outra das hypotheses de pluralidade e de unidade das existências corporaes, e vejamos para que lado nos farão pender a razão e o nosso proprio interesse.

Algumas pessoas repellem a ideia da reincarnação pelo motivo unico de lhes não convir, dizendo que já lhes é bastante uma existencia e que não desejariam recomeçar outra igual; ha até quem chegue a enfurecer-se só com o pensamento de ter de reaparecer na terra. Uma coisa apenas temos a perguntar-lhes; é si pensam que Deus devia tel-as consultado e attendido aos seus gostos para regular o universo. Ora, de duas uma: ou a reincarnação existe, ou não; si existe, de balde a combaterão; forçoso lhes será passar por ella, sem que Deus lhes peça permissão para isso. Parece-nos o caso de um enfermo que diz: «soffri muito hoje e não quero continuar a soffrer amanhã». Qualquer

que seja o seu mau humor, que remedio terá elle si não soffrer no dia seguinte, e nos que se lhe seguirem, até que fique curado? Si essas pessoas tiverem de reviver corporalmente, reviverão e reincarnar-se-ão; de nada lhes valerá revoltarem-se, como o menino que não quer ir á escola ou o condemnado que se acha na prisão; só lhes resta resignarem-se. Objecções taes são demasiado pueris para merecerem mais sério exame. Dir-lhes-emos, entretanto, para tranquillizál-os, que a doutrina espirita ácerca da reincarnaçāo não é tão terrível como lhes parece, e que si a tivessem estudado a fundo não a temeriam tanto; saberiam que a condição dessa nova existencia depende delles, que serão felizes ou infelizes, conforme os actos que tiverem praticado neste mundo, *e que podem já desde esta vida elevar-se tão alto que não precisam voltar a cair no lodaçal.*

Suppomos falar a pessoas que acreditam num futuro qualquer depois da morte, e não áquellas que preferem o nada por perspectiva ou ás que afirmam que a alma é dissolvida no todo universal, como as gotas d'água no oceano, o que vem a ser pouco mais ou menos o mesmo. Si acreditaes num futuro qualquer, por certo não admittireis que elle seja o mesmo para todos. Do contrario, onde estaria a utilidade do bem? Para que constranger-nos? Porque não si havia de satisfazer todas as paixões, todos os desejos, mesmo com prejuizo de outrem, si o resultado final fosse o mesmo? Acreditaes que esse futuro ha de ser mais ou menos feliz, segundo o que tiverdes feito durante a vida; nesse caso, tendes o desejo de ser nelle tão felizes quanto possível, visto que será por toda a eternidade? Tereis acaso a pretensão de serdes dos homens mais perfeitos que tenham existido na terra e de terdes assim o direito a tomar de improviso a felicidade eterna dos eleitos? Não. Admittis que ha homens melhores que vós, com direito a melhor logar sem que por isso vos considereis entre os repro-

bos. Pois bem; collocai-vos por um instante, pelo pensamento, nessa situaçāo média que vos cabe, por quanto nisso mesmo convindes, e supondo que alguém vos venha dizer: Soffreis, não sois tão feliz quanto podereis sel-o, ao passo que diante de vós tendes outros seres que gozam de ventura perfeita e completa; quereis trocar a vossa posição pela delles? Sem duvida, respondereis: mas que é necessario fazer? Mui pouca coisa: tornai a principiar o que fizestes mal feito, e diligenciai fazel-o melhor. — Hesitareis em aceitar, ainda que fosse a preço de muitas existencias de provações? Tomemos uma comparaçāo mais prosaica. Si a um homem que, sem estar na ultima das miserias, soffresse contudo privações pela mediocridade dos seus recursos, se dissesse: Aqui tendes uma imensa fortuna; podeis gozar della, mas para isso é preciso que trabalheis penosamente durante um minuto. Ainda que elle fosse o homem mais preguiçoso da terra, não hesitaria de dizer: Trabalharei durante um minuto, dois, uma hora, um dia inteiro, si preciso fôr; que vale isso em troca da abundancia ate ao fim da minha vida? Ora, o que é a duraçāo da vida corporal em relação á eternidade? Menos que um minuto, menos que um segundo.

Já ouvimos fazer este raciocinio: Deus, que é soberanamente bom, não deve impôr ao homem o recomçar uma serie de miserias e tribulações.

Acharão, acaso, que haja mais bondade em condenal-o a perpetuo sofrimento por alguns momentos de erro, do que em lhe fornecer os meios de reparar as faltas? «Dois fabricantes tinham cada qual um operario que podia aspirar a ser socio do patrão: aconteceu, porém, que uma vez esses dois operarios empregaram muito mal o dia e mereceram ser despedidos. Um dos fabricantes poz na rua o seu operario, apezar de todas as supplicas delle, e como este não tivesse encontrado trabalho, morreu de miseria. O ou-

tro disse ao seu: Perdeste um dia e deves-me outro em compensação; fizeste mal a tua obra e deves-me a reparação desse prejuizo; permitto-te recomeçá-la; procura executá-la bem, e poderás sempre aspirar á posição superior que te prometti. » Será necessário perguntar qual dos dois fabricantes foi mais humano? Deus, que é a propria clemencia, seria mais inexorável do que um homem?

O pensamento de ser a nossa sorte fixada para sempre pelo resultado de alguns annos de provações quando nem sempre depende de nós attingir a perfeição na terra, tem alguma coisa de esmagador, ao passo que a ideia contrária é eminentemente consoladora; deixa-nos a esperança. Assim, sem nos pronunciarmos pró ou contra a pluralidade das existências, sem admitirmos uma hypothese de preferencia a outra, dizemos que, si tivessemos de escolher, ninguem proferiria um julgamento sem appello. Um philosopho disse que se Deus não existisse seria preciso invental-o para felicidade do genero humano; outro tanto pôde dizer-se da pluralidade das existências. Mas, como já dissemos, Deus não nos pede a nossa permissão nem nos consulta os gostos, e, ou a reincarnação é um facto ou não é. Vejamos de que lado estão as probabilidades, e observemos a questão sob outro aspecto, abstrahindo ainda o ensino dos espíritos e considerando-a só como estudo philosophico.

Não havendo a reincarnação é evidente que a existência corporal é uma só. Si a nossa actual existência corporea é unica, a alma de cada individuo é creada na occasião do seu nascimento, a não ser que se lhe admitta anterioridade, caso em que poderíamos perguntar o que era ella antes de nascer, e si esse estado não constituía uma existencia, qualquer que fosse a sua forma. Não ha meio termo: ou a alma existia antes do corpo, ou não; si existia, qual era a sua situação? Tinha ou não consciencia de si? Si

não tinha, era o mesmo que se não existisse: si tinha individualidade, devia ser progressiva ou estacionaria; em qualquer dos casos, em que grau veio ella juntar-se ao corpo? Admittindo, segundo a crença vulgar, que a alma nasça com o corpo, ou,— o que vem a ser o mesmo — que anteriormente á sua incarnationação ella só possua faculdades negativas, perguntamo-nos:

1.º Porque é que a alma manifesta aptidões tão diversas e independentes das ideias adquiridas pela educação?

2.º De que provém a aptidão extra-normal de certas creanças para esta ou aquella sciencia, quando outras não passam de inferiores ou mediocres toda a sua vida?

3.º Qual a razão porque uns têm ideias innatas ou intuitivas, que não existem em outros?

4.º De que provêm em certas creanças, esses instintos precoces de vícios ou virtudes, esses sentimentos innatos de dignidade ou baixeza que contrastam com o meio em que elles nasceram?

5.º Porque é que os homens, abstração feita da educação, são uns mais adiantados que outros?

6.º Porque ha selvagens e homens civilizados? Si tomardes um pequeno hottentote, ainda na primeira infancia, e o educardes em nossas academias mais afamadas, podereis algum dia fazer dele um Laplace ou um Newton?

Perguntamos: qual a philosophia, qual a theosophia que pôde resolver estes problemas? Ou as almas ao nascer são iguaes, ou desiguaes: si são iguaes, porque apresentam aptidões tão diversas? Dir-se-á que isso depende do organismo; mas então não será essa doutrina mais monstruosa e immoral? O homem fica sendo apenas uma machina, um joguete da matéria; deixa de ter a responsabilidade dos seus actos, porque tudo pôde ser lançado á conta das suas imper-

feições physicas. Si as almas são desiguals, seria porque Deus as creou assim; mas então porque essa superioridade innata concedida a algumas? Tal parcialidade poderá conformar-se com a justiça e o amor que elle vota igualmente a todas as suas criaturas?

Admittamos, pelo contrario, successão de existências anteriores progressivas, e tudo ficará explicado. Os homens trazem consigo ao nascer, a intuição do que adquiriram; são mais ou menos adiantados, segundo o numero de existências que já percorreram, segundo se acham mais ou menos afastados do seu ponto de partida, do mesmo modo que numa reunião de individuos de todas as idades cada um delles terá o desenvolvimento proporcionado ao numero de annos que houver vivido; as existências successivas serão, relativamente á vida da alma, o que os annos são relativamente á do corpo. Reuni um dia mil individuos, desde a idade de um até á de oitenta annos; suponde que um vêo vos oculta a idade de cada um e que os julgaes todos nascidos no mesmo dia; naturalmente perguntareis porque é que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e outros jovens, uns instruidos e outros ignorantes; mas si a nuvem que vos esconde o passado se dissipar; si sonberdes que as suas vidas têm sido mais ou menos longas, tudo ficará explicado. Deus, em sua justiça, não podia crear almas desigualmente perfeitas; mas, com a pluralidade das existências, a desigualdade que vemos entre elles em nada contraria a mais rigorosa equidade; é que nós só vêmos o presente e não o passado. Repousará este raciocínio num sistema, numa suposição gratuita? Não; partimos de um facto patente incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intellectual e moral, e verificamos que esse facto é inexplicável por qualquer das teorias correntes, ao passo que a sua explicação

é simples, natural e logica por outra theoria. Será racional preferir as que não explicam os factos áquelle que nos dá delles explicação razoavel?

A respeito da sexta pergunta, dirão, sem duvida, que o hottentote é de raça inferior; mas perguntaremos si o hottentote é ou não um homem. Si o é, qual o motivo porque Deus o privou, a elle e á sua raça, dos privilegios que concedeu á raça caucasica? Si não o é, para que procurar fazel-o christão? A doutrina espirita tem mais largos horizontes; para ella não ha varias espécies de homens: ha homens cujo espirito é mais ou menos atrasado, mas susceptivel sempre de progressividade. Não será isto mais conforme á justiça de Deus?

Acabamos de examinar a alma no seu passado e no seu presente; si a considerarmos no seu futuro, deparam-se-nos as mesmas dificuldades.

1.^º Si a nossa existencia actual, considerada unica, deve decidir da nossa sorte, qual será, na vida futura, a posição respectiva do selvagem e do homem civilizado? Estarão no mesmo nível, ou ficarão distanciados na somma da felicidade eterna concedida a cada um?

2.^º O homem que trabalhou toda a vida em se melhorar, terá a mesma posição d'aquelle que lhe ficou inferior, não por culpa sua, mas porque lhe faltaram o tempo e a possibilidade de se melhorar?

3.^º O homem que pratica o mal, porque não pôde ser convenientemente esclarecido, deverá responder por um estado de coisas que não dependeu dele?

4.^º Trabalha-se em esclarecer os homens, moralizal-os, civilizal-os; mas, por um que só esclarece, ha milhões que morrem diariamente, antes que a luz lhes tenha chegado; qual será a sorte destes? Serão tratados como reprobos? No caso contrario, que fizeram elles para merecer posição igual á dos outros?

5.^º Qual a sorte das creanças que falecem antes

de terem podido fazer o bem ou o mal? Si são collocadas entre os eleitos, porque esse favor concedido a quem nada fez para merecel-o? Por que privilegio lhes são dispensadas as tribulações da vida?

Ha alguma doutrina que possa resolver estes problemas? Admitti as existencias consecutivas, e tudo ficará explicado de conformidade com a justiça de Deus. O que se não pôde fazer em uma existencia, faz-se em outra; por este modo ninguem escapa á lei do progresso, cada um será recompensado segundo o seu mérito *real* e ninguem será excluído da felicidade suprema, a que todos poderão aspirar, quaesquer que sejam os obstaculos que se lhes apresentem no caminho.

Estas questões podiam ser multiplicadas ao infinito, tão innumeraveis são os problemas psychologicos e moraes que só encontam solução na pluralidade das existencias; limitamo-nos apenas aos mais genericos.

Ainda que assim seja, talvez se diga, a doutrina da reincarnação não é admittida pela Igreja; seria a ruina da religião. Não é nosso fim tratar agora dessa questão; basta-nos haver demonstrado que a theoria da reincarnação é eminentemente moral e racional, e o que é moral e racional não pôde ser contrario a uma religião que proclama Deus, a bondade e a razão por excellencia. Que seria da religião si, contra a opinião universal e o testemunho da sciencia, ella se tiyesse obstinado contra a evidencia, e repellisse do seu seio aquelles que não crêsem no movimento do sol ao redor da terra e nos seis dias da criação? Que credito mereceria, de que autoridade gozaria entre os povos cultos uma religião fundada sobre os erros manifestos, apresentados como artigo de fé? Quando a verdade se demonstrou, a Igreja collocou-se prudentemente a seu lado. Si está provado que tantas coisas existentes seriam impossiveis sem a reincarnação, si certos pontos dogmáticos não podem ser explicados senão por este meio, urge admittir-o e reconhecer que é apenas

apparente o antagonismo entre esta doutrina e os dogmas. Mais tarde mostraremos que a religião está talvez menos afastada della do que se pensa, não sendo maior o prejuizo dahi decorrido do que o sofrido com a descoberta do movimento da terra e dos periodos geologicos, que, á primeira vista, pareciam desmentir os textos sagrados. Além disso, o principio da reincarnação resalta de varias passagens das Escripturas, e está consignado de modo explicito no Evangelho.

«Quando elles desciham da montanha (depois da transfiguração), Jesus formulou este mandamento e lhes disse: Não conteis a pessoa alguma o que acabaes de vêr, até que o Filho do homem tenha resuscitado de entre os mortos. Então seus discípulos o interrogaram, dizendo: Porque dizem os escribas que Elias deve vir antes? E Jesus lhes respondeu: E' verdade que Elias deve vir, e que restabelecerá todas as coisas. Eu, porém, vos declaro que Elias já veio, mas elles não o conhecerao e o fizeram soffrer como quizeram. Assim farão morrer o Filho do homem. Então os discípulos comprehenderam que era de João Baptista que Jesus lhes falára». (Matheus, cap. xvii).

Visto que João Baptista era Elias, houve reincarnação do espirito ou alma de Elias no corpo de João Baptista.

De resto, qualquer que seja a opinião que cada um tenha a respeito da reincarnação, quer a aceitemos ou não, forçoso nos será passar por ella, si existe, e apesar de qualquer crença contraria. O ponto essencial é ser o ensino dos espíritos eminentemente christão, por apoiar-se na immortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na justiça de Deus, no livre arbitrio do homem e na moral do Christo, e por isso mesmo não pôde esse ensino ser considerado anti-religioso.

Raciocinámos, como dissemos, fazendo abstracção do ensino dos espíritos que, para certas pessoas, não

constitue autoridade. Si nós, e muitos outros, adoptámos a opinião da pluralidade das existencias, não é somente por ella nos ter vindo dos espiritos, mas por nos parecer a mais logica e pôr só ella resolver questões até hoje julgadas insolúveis.

Ainda inesmo que tivesse vindo de um simples mortal, tel-a-iamos adoptado do mesmo modo, e por ella não teríamos hesitado em renunciar ás nossas proprias ideias; desde que se demonstra que uma ideia é falsa, o amor proprio tem mais a perder do que a lucrar obstinando-se em sustentar a ideia falsa. Tambem tel-a-iamos repellido, embora viesse dos espiritos, si nos tivesse parecido contraria á razão, como temos repellido tantas outras, pois sabemos por experiençia que se não deve aceitar cegamente tudo quanto vem delles, como se não accepta tudo quanto vem dos homens. O seu primeiro titulo, o que, antes de tudo, se impõe á nossa consideração, é o ser logica; além deste, tem o de ser confirmada pelos factos, aliás positivos e, por assim dizer, materiaes, que um estudo attento e methodico pôde revelar a quem quer que se dê ao trabalho de os observar com paciencia e perseverança, e em presença dos quaes a duvida é inadmissivel. Quando esses factos forem popularizados como os da formação e do movimento da terra, forçoso será que todos se rendam á evidencia, e os seus oppositionistas verão então que foram nulos todos os seus argumentos.

Reconheçamos, pois, em resumo, que a doutrina da pluralidade das existencias é a unica que explica o que, sem ella, é inexplicavel; que é eminentemente consoladora e consoante a mais rigorosa justiça, ancora de salvação que Deus em sua misericordia concedeu ao homem.

As proprias palavras de Jesus não podem deixar duvidas a esse respeito.

Eis o que se lê no Evangelho segundo S. João, capítulo III, v. 3, 4 e 5.

3. Jesus, respondendo a Nicodemos, disse: Em verdade, em verdade te digo que si o homem *não nascer de novo* não pôde ver o reino de Deus.

4. Nicodemos lhe disse: Como pôde o homem nascer sendo já velho? Porventura pôde elle tornar ao ventre materno para nascer segunda vez?

5. Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que si o homem não renascer da agua e do espirito, não pôde entrar no reino de Deus. O que nasceu da carne é carne, e o que nasceu do espirito é espirito. Não te admires de te eu dizer: é preciso que tornes a nascer. (Vêde o artigo — *Resurreição da carne*, n.º 1:010).